

PINGA-FOGO

■ OPERAÇÃO ‘ESPANTA TURISTA’ QUEIMA A BOA IMAGEM DA LEI SECA NO RIO - Imaginem chegar em sua cidade turística, ávido para curtir a sua vida noturna ou passear em cartões postais como Copacabana, Ipanema e Leblon, aproveitando estas zonas turísticas que são oásis de segurança pública e simplesmente não conseguir sair do seu aeroporto principal e ficar literalmente, sem trocadilhos, ilhado na Ilha do Governador, em pleno feriado do dia 20 de novembro, porque um gênio na coordenação da operação Lei Seca resolveu parar o trânsito na única saída viária do Aeroporto do Galeão?

■ Foi exatamente o que ocorreu na última quinta-feira, quando foi instalada a Operação Lei Seca em frente à base aérea do Galeão, paralisando o trânsito de forma inexplicável. Foi um caos. A fila chegou até o posto BR do aeroporto. Muitos passageiros ficaram mais de 40 minutos no trajeto aeroporto/base aérea.

■ Milhares de turistas chegavam para o show da Dua Lipa e os voos que desembarcavam estavam completamente lotados. Os turistas que resolveram vir ao Rio, depois do intenso noticiário sobre segurança pública, deveriam ser recebidos com tapete vermelho. O que ocorreu foi uma verdadeira operação “Espanta Turista”. Com o trânsito parado, a sensação era de medo: será que está ocorrendo algo? Algum tiroteio? Os táxis e carros de aplicativos começaram a buzinar. O protesto foi enorme. Eles sabiam que o que estava ocorrendo tinha a imbecilidade estampada na decisão de obstruir, em um horário de grande movimento de desembarque, o maior aeroporto da cidade.



# MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com

@colunamagnavita

Governo do Rio leva apresentação estratégica à Itália e reforça promoção internacional do turismo

O Governo do Estado do Rio de Janeiro realizou, nesta segunda-feira, 24 de novembro, uma importante ação de promoção internacional em Roma. A apresentação, conduzida pelo secretário Gustavo Tutuca, reuniu agentes de viagens, operadores, companhias aéreas e representantes do trade italiano para reforçar o posicionamento do Rio como destino competitivo na Europa.

Também participaram do encontro o secretário de Estado da Casa Civil, Nicola Miccione, e o presidente da TurisRio, Sérgio Ricardo de Almeida. O evento destacou o aumento da conectividade aérea, com sete voos diretos semanais Roma–Rio, operados pela ITA Airways; e apresentou a diversidade dos 12 destinos turísticos fluminenses, com foco na capital e no interior.

“A Itália tem um vínculo histórico com o Rio e é um mercado de enorme potencial. Trazer essa apresentação para Roma significa mostrar nossa diversidade, nossas experiências e a força do turismo fluminense, que cresce na capital e no interior. Queremos atrair o visitante italiano para um Rio completo, de praias, montanhas, cultura, gastronomia e natureza”, disse Tutuca.

O mercado italiano segue em expansão: já são 32.456 visitantes de janeiro a outubro, superando, em apenas 10 meses, todo o fluxo registrado em 2024. A missão ocorre em meio ao melhor desempenho internacional da história do estado:

o Rio soma quase 1,8 milhão de turistas estrangeiros em 2025, com projeção de ultrapassar a marca inédita de 2 milhões até dezembro.

A ação na Itália integra uma agenda internacional robusta liderada pela Setur-RJ, que este ano incluiu ações em mercados estratégicos como Canadá, Estados Unidos, China e Emirados Árabes, consolidando a presença global do destino Rio de Janeiro.



Promoção reforçou o posicionamento do Rio como destino competitivo na Europa



Os secretários do Turismo, Gustavo Tutuca; e da Casa Civil, Nicola Miccione (d), com o presidente da TurisRio, Sérgio Ricardo de Almeida (e)



Apresentação, comandada pelo secretário Gustavo Tutuca, reuniu agentes de viagens, operadores, companhias aéreas e representantes do trade italiano



Seca faz parte da estrutura do Estado, lotada na Secretaria de Governo e não subordinada à pasta da Segurança.

■ O sucesso da Operação Lei Seca nos seus 17 anos é inquestionável. Os seus coordenadores devem saber que qualquer resultado negativo será maior que os vários resultados positivos. O impacto no trânsito é um dos piores resultados que pode causar.

■ O “gênio” que determinou o bloqueio do maior equipamento de turismo

da cidade merece medalha como a melhor “Ideia de Jerico do Ano”.

■ Merece aplauso à reação do primeiro escalão do Governo do Estado que ordenou desobstruir o trânsito ao ouvirem os ecos dos protestos indignados.

■ MUITA COISA PARA O BANCO CENTRAL EXPLICAR! POR QUE PROTEGER OS INTERESSES DE UM FUNDO ÁRABE? - A decisão do Banco Central de proteger os interesses do apresentador / empresário Luciano

Huck e do confuso fundo Mubadala pôde ser vista no horário nobre da Globo em pleno domingo: comercial do banco digital Will Bank, que pertence ao Master, no break comercial do Fantástico.

■ A negociação da aquisição do banco digital por Huck e o Fundo Árabe, preservado da liquidação judicial do grupo Master, traz uma nuvem de suspeição à forma que o Banco Central agiu.

■ Aliás, a liquidação foi entregue em ato assinado pelo

presidente do BC, Gabriel Galipolo, a empresa EFB REGIMES ESPECIAIS DE EMPRESAS LTDA - ME, CNPJ 43.336.034/0001-64. Sabem qual é o capital social da companhia que cuidará de uma liquidação de R\$ 70 bilhões? Apenas R\$ 1.000,00 (um mil reais). O seu dono é um ex-funcionário aposentado do Banco Central e amigo dos dois diretores que deixarão a instituição agora em dezembro.

■ Questionado oficialmente pela coluna, o Banco Central adotou um curioso silêncio.

Fernando Molica

O caldeirão de Bolsonaro

A quantidade de atitudes e declarações destrambelhadas cometidas por Jair Bolsonaro indica que ele, na infância, deve ter caído não num caldeirão de poção mágica gaulesa (caso do personagem Obelix), mas num cheio desses medicamentos que, afirma, são capazes de lhe gerar alucinações.

Em 1983, mesmo desaconselhado por superiores, o então tenente, segundo o relato do coronel Carlos Alberto Pellegrino, deu “mostras de imaturidade ao ser atraído por empreendimentos de ‘garimpo de ouro’”.

Segundo o coronel, o subordinado acreditava em “lendas e histórias” sobre existência de ouro em várias partes do país, em “relatos fantasiosos sobre fortunas feitas da noite para o dia”. Voltou “desiludido e frustrado” do garimpo. Para o oficial superior, Bolsonaro necessitava ser colocado em funções que exigissem esforço e dedicação, a fim de “reorientar sua carreira”.

Ao depor no Conselho de Justificação que analisou a acusação de que Bolsonaro tramara um plano de explodir bombas em quartéis para protestar contra baixos salários, o coronel Pellegrino citou que o capitão era repellido por oficiais subalternos que tentava liderar. Isto, pelo “tratamento agressivo” dispensado aos colegas e pela “falta de lógica, racionalidade e equilíbrio na apresen-

tação de seus argumentos”. (Os trechos acima foram retirados do livro “O cadete”, de Luiz Maklouf Carvalho.)

Condenado pelo Conselho e depois absolvido pelo Superior Tribunal Militar, Bolsonaro teve que deixar o Exército, e, na vida política, passou a acumular polêmicas — chegou a ser proibido de entrar em quartéis. Em 1992, chamou o ministro do Exército, Carlos Tinoco, de “banana, palhaço e covarde”. Na sequência, usou o próprio carro para bloquear a entrada da Academia Militar das Agulhas Negras, onde estudara. O automóvel foi rebocado, com o deputado sentado em seu capô.

Para compensar a inexpressividade de seu mandato, Bolsonaro cavou situações que gerassem indignação e aplausos. Ironizou parentes de desaparecidos políticos ao colocar na porta de seu gabinete, cartaz que os comparava a cachorros (que, frizou, gostam de ossos), disse que não estupraria a deputada Maria do Rosário (PT-RS) porque ela não merecia, pregou o fuzilamento de Fernando Henrique Cardoso, exaltou um torturador ao votar pelo impeachment de Dilma Rousseff. Candidato a presidente, sugeriu fuzilar a “petralhada”.

No Planalto, sabotou medidas de isolamento que ajudavam a evitar a propagação da covid 19, fez propaganda

de remédio que não fazia efeito contra a doença, mostrou caixa de cloroquina para uma ema, afirmou que não era coveiro ao responder pergunta sobre os mortos na pandemia. Fez sucessivas ameaças de virada de mesa institucional e relatou o dia em que conheceu adolescentes venezuelanas: disse que tinha “pintado um clima”.

Não se cansou de ofender ministros do Supremo Tribunal Federal, entre eles, Alexandre de Moraes (“canalha”, “vagabundo”) e Luís Roberto Barroso (“imbecil”, “idiota”, “fdp”, “mentiroso”, “sem caráter”, “picopata”). Muitas de suas falas geraram processos judiciais e algumas condenações (entre eles, por ofensas à jornalista Patrícia Campos Mello e por racismo — comparou cabelos de negros a “criatórios de baratas”).

Em todos esses casos e em tantos outros, Bolsonaro não alegou estar sob influência de produtos químicos. Fez isso em 2023 para justificar o fato de ter repostado, dois dias depois do 8 de Janeiro, mentiras sobre a urna eletrônica e no domingo passado, ao tratar danos à tornozeleira eletrônica. As justificativas procuravam diminuir as consequências judiciais dos gestos. Em tese, em todos os demais episódios, ele não estava sob efeito de nenhuma droga medicinal. A menos, claro, que ele tenha caído no tal caldeirão.

Tales Faria

“Tempo oportuno” para Jorge Messias é em fevereiro

O presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP) disse em nota nesta segunda-feira, 24, que será votada “no tempo oportuno” a sabatina dos senadores com o advogado-geral da União, Jorge Messias, indicado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para ministro do Supremo Tribunal Federal (STF).

O uso de uma expressão tão protocolar na nota – que foi emitida como resposta a uma outra nota em que Messias o elogiava – foi interpretada como uma demonstração de frieza e desagrado.

O presidente do Senado está irritado com o governo desde que Lula preteriu o senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG) para a vaga e indicou Messias.

Alcolumbre fez campanha aberta pela escolha de Pacheco. Ele reclama nos bastidores de não ter sido avisado antecipadamente do dia em que o presidente anunciou sua opção, a última quinta-feira, 20. Desconfia de que o líder do governo, Jaques Wagner (PT-BA), trabalhou contra Pacheco, mas Wagner nega.

O líder diz que, pessoalmente, considera Pacheco um ótima nome, assim como Messias. E que, na verdade, o que houve foi “apenas um problema de comunicação”, mas que agora é hora de trabalhar pela

campanha do advogado-geral a fim de obter votos dos senadores em favor de sua nomeação no STF.

Wagner acredita que Lula vai trabalhar pessoalmente pela aprovação de Messias no Senado e que chamará o próprio Alcolumbre para desfazer o “mal entendido”.

Wagner calcula que, com tantas matérias a serem votadas pelo Senado neste final de ano, dificilmente a sessão de aprovação (ou recusa) de Messias para o STF ocorrerá em dezembro. Sendo assim, o Congresso entrará em recesso e só volta a funcionar em fevereiro, quando pode haver a sabatina se Alcolumbre não resolver apressar.

Na verdade, para o governo quanto mais tempo, melhor para a campanha. O advogado-geral da União quer bater falar com todos senadores para pedir votos.

O presidente Lula também compartilha da ideia de que houve apenas um “problema de comunicação” que poderá ser solucionado com uma conversa com Alcolumbre.

No entanto, Lula não gosta de ser empurrado contra a parede. Ele quer evitar que isso ocorra com Alcolumbre. Embora pretenda chamar o presidente do Senado para uma conversa, não gostaria de

sofrer uma recusa pública.

De volta nesta terça-feira, 25, de sua viagem à África, Lula começará os contatos para superar o problema. O apoio do presidente do Senado é considerado fundamental, mas dentro do que o presidente costuma chamar de “sem dobrar a espinha”.

Especialmente agora que o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), anunciou rompimento com o líder do PT na Casa, Lindbergh Farias (RJ), o Palácio acha que precisa restabelecer uma boa relação com o presidente do Senado.

O caso do presidente da Câmara é considerado mais difícil na medida em que Hugo Motta está sendo classificado no Palácio como um deputado “praticamente de oposição”.

Motta era tratado como um aliado do governo. Mas surpreendeu desde que assumiu o comando da Câmara. Pautou a derrubada do aumento do IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) contra a vontade do governo, assim como quando aprovou uma emenda constitucional que obrigava a Justiça a consultar o Congresso antes da abertura de ações penais contra parlamentares.

“Nas eleições de 2026, o Motta atuará contra o governo, já o Alcolumbre, não”, disse um petista à coluna.